Belo horizonte, novembro de 2010.

FORTUNA, T. R. Sala de Aula é Lugar de Brincar? In: XAVIER, M. L. M.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho. Imagem e representação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

REGO, T.C. Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RICHARDSON, Roberth Jarry. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3ed. São Paulo: Atlas, 1999.

VYGOTSKY, L.S. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. [traduçãoMaria da Penha Villa-Lobos]. São Paulo: Ícone, editora da Universidade de São Paulo, 1998.

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA E A PANDEMIA

RUTH SANTOS CELES DUARTE

RESUMO

Este estudo visa caracterizar o atual cenário escolar em tempos de pandemia, especialmente no que diz respeito à inclusão escolar dos alunos com deficiência no contexto de aulas remotas. Desde o início da pandemia, foram estabelecidas pela organização mundial da saúde

– OMS, iniciativas para conter o avanço da doença causada pela Convid, uma dessas iniciativas diz respeito ao fechamento das instituições escolares, fazendo com que as escolas de imediato se adequassem ao formato de aulas remotas para todos os alunos, no qual inclui também os alunos com deficiência. Sabendo-se da gravidade da doença causada pela pandemia, cientes também de que as pessoas com deficiência, por natureza, são grupos de risco, surge a inquietação em conhecer a resposta para o seguinte questionamento: como os alunos com deficiência estão sendo inseridos no contexto educativo de aulas remotas? Para responder a referida pergunta problema cabe analisar como está sendo desenvolvida a inclusão escolar dos alunos com deficiência durante a pandemia do covid19 nesse novo patamar educacional. Esse estudo foi embasado e estruturado sob uma pesquisa bibliográfica, no qual permitiu-nos conhecer leis inclusivas, relatórios parlamentares e diversos autores que remetem a importância de manter vivas as práticas inclusivas como também permitir a esses alunos prosseguimento dos estudos mesmo em tempos de isolamento social, para que não haja atraso no seu desenvolvimento. Por sua vez, tomamos conhecimento que as esferas governamentais responsáveis por articular ações a favor da educação inclusiva estão sendo omissa desde o início da pandemia no brasil.

PALAVRAS-CHAVES: Pandemia; Aulas Remotas; Inclusão; Deficiência.

ABSTRACT

This study aims to characterize the current school scenario in times of pandemic, especially with regard to school inclusion of students with disabilities in the context of remote classes. Since the beginning of the pandemic, initiatives to contain the spread of the disease caused by the new corona virus have been established by the world health organization - who, one of these initiatives concerns the closing of school institutions, making schools immediately adapt the format of remote classes for all students, which also includes students with disabilities. Knowing the seriousness of the disease caused by the corona virus, also aware that people with disabilities, by nature, are risk groups, there is concern in knowing the answer to the following question: how are students with disabilities being included in the educational context of remote classes? To answer the aforementioned problem question, it is worth analyzing how the inclusion of students with disabilities in schools during the covid19 pandemic is being developed in this new educational level. This study was based and structured on a bibliographical research, which allowed us to know inclusive laws, parliamentary reports and several authors who refer to the importance of keeping inclusive practices alive as well as allowing these students to continue their studies even in times of social isolation , so that there is no delay in its development. In turn, we learned that the government spheres responsible for articulating actions in favor of inclusive education have been silent since the beginning of the pandemic in Brazil.

KEYWORDS: Pandemic; Remote Classes; Inclusion; Deficiency.

INTRODUÇÃO

A pandemia desabou o nosso cotidiano rotineiro e escancarou a desigualdade existente na sociedade, e, por consequência, do sistema educacional. A desigualdade de acesso à informação e tecnologia, bem como a de oportunidades apresentaram-se na pauta educacional. Todos que possuem uma ligação com a educação foram atingidos - professores, alunos, diretores, coordenadores pedagógicos, pais - sendo que a intensidade não foi uniforme, posto que alguns o fossem mais severamente. Dentro deste cenário destaca-se a situação do aluno com deficiência, que acabou recebendo um impacto significativo diante do abrupto fechamento das escolas e da ausência de uma sistemática educacional que pudesse responder às suas demandas. Também merece atenção especial neste cenário de pandemia, o papel da escola frente a esta situação inusitada, e quais ações desenvolver para a efetividade de um sistema educacional inclusivo. Com relação ao aluno com deficiência, verifica-se, mais uma vez, que foi esquecido. Vários foram os artigos, publicações e lives que trataram da educação como um todo, mas que não deram a devida atenção ao aluno com deficiência. Era como se ele não existisse ou não precisasse e/ou sofresse com o fechamento das escolas. Representou esta pandemia um retrocesso no tratamento a ser dado ao aluno com deficiência, pois remeteu o seu

cotidiano a um paradigma ultrapassado de isolamento. Da mesma forma, a escola, que já apresentava dificuldades para lidar com o aluno com deficiência em uma situação de normalidade, em função pandemia ora vivenciada deixou evidente o seu despreparo. No entanto, a escola é reconhecidamente o —locus da equidade, de forma que deve proporcionar a todas as crianças e adolescentes, inclusive com deficiência, acesso igualitário à cultura, evitando medidas que acentuem eventual desigualdade. Ela deve trabalhar para que o Sistema Educacional Inclusivo seja efetivo, mesmo em tempos de pandemia. Diante desse quadro, o presente artigo tem como foco a questão do aluno com deficiência diante da pandemia, retratando, não somente a situação atual com a interrupção das aulas e isolamento social, como também o seu retorno e as dificuldades que deverão ser enfrentadas.

A inclusão de todos na escola é um direito antes, durante e depois da pandemia.

O DIREITO À EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O Direito à Educação, conforme ensina Mônica Sifuentes —passou a ser mesurado como um valor de cidadania e de dignidade da pessoa humana, itens essenciais ao Estado Democrático de Direito. Além disso, é —condição para a realização dos ideais da República de construir uma sociedade livre, justa e solidária, nacionalmente desenvolvida, com a erradicação da pobreza, da marginalização e das desigualdades sociais e regionais, livres de quaisquer formas de discriminação (art. 3º da CF) (2009, p. 18).

Mesmo com a pandemia o Direito à Educação deve ser garantido, porém, tendo como marco delineador o direito à saúde. Com efeito, a Constituição Federal estabelece no artigo 227: Art. 227.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Verifica-se que o primeiro direito a ser garantido é o Direito à Saúde, pois de nada adianta falar em alimentação, educação, lazer, dignidade, e os outros direitos, sem garantir, em primeiro lugar, o direito à vida e à saúde. A pandemia do COVID-19 tem relação direta com a saúde do aluno, do professor e dos demais profissionais da educação. Qualquer decisão sobre suspensão das aulas ou seu retorno, tem como marco balizador a saúde das pessoas que estão envolvidas. E, nesse particular, uma atenção especial ao aluno com deficiência.

Aliás, especificamente em relação a este aluno com deficiência, a educação emancipatória, prevista constitucionalmente (CF. art. 205), foi mais bem traduzida no Plano Nacional de Educação (Aprovado pela Lei n. 13.005/2014), que na meta 04 estabeleceu a garantia de um SISTEMA EDUCACIONAL INCLUSIVO que contempla todas as ações a serem desenvolvidas para que os alunos com deficiência possam exercer o seu direito à educação (FERREI-

RA, 2019, p. 188), com os recursos necessários para tanto. Esse plano, de maneira exemplificativa, cita as salas de recursos multifuncionais e serviços especializados, a acessibilidade aos prédios, à oferta de educação bilíngue, tecnologia assistiva, apoio ao atendimento escolar integral e, também, o estímulo à participação das famílias.

Assim, a garantia do direito à educação ao aluno com deficiência, mesmo em tempo de pandemia, deve ter como linha de atuação este sistema educacional inclusivo, ou seja, mesmo em casa, deve o aluno receber toda a assistência necessária para que possa se desenvolver educacionalmente.

A pandemia tratou de alterar uma rotina consolidada no sistema educacional, e que de maneira geral não retrocederá. Algumas alterações vieram para ficar. Estas alterações precisam incluir todos os alunos, para que os objetivos traçados pela Constituição Federal, no artigo 205, sejam cumpridos. Muito provavelmente a principal mudança se deu na relação estabelecida com as famílias. As escolas precisam se colocar juntas com as famílias, para que estas se sintam apoiadas. E como afirmou o professor David Rodrigues: —depois de tanto tempo querendo trazer as famílias para a escola, a pandemia acabou por levar a escola para a família.

No sistema educacional inclusivo esta realidade tem que estar presente. Mais do que nunca as famílias precisam do apoio educacional para levar adiante a sua missão.

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA NA PANDEMIA

O mundo ainda está perplexo, diante do contexto de enfrentamento da Pandemia provocada pelo Covid-19 e sem precedentes, gerando situações de emergência e insegurança sanitária para todas as nações, e exigindo medidas de proteção e segurança relativas à vida e à saúde dos cidadãos, em especial à população estudantil e ao segmento das pessoas com deficiência.

Pensar o distanciamento social para quem já vive isolado, em função da falta de acessibilidade urbanística, arquitetônica, comunicacional, tecnológica e, também, devido a inclusão precária, ainda existente em muitos contextos sociais e escolares, é concluir que essa importante camada da população está hiper vulnerável frente a atual realidade.

A convivência social é inerente ao ser humano e fundamental para o desenvolvimento de competências socioemocionais. O distanciamento ora vivenciado por conta da pandemia torna-se mais uma barreira para a inclusão das pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades. A função social da escola está relacionada com a formação humana e suas especificidades, diante dos conhecimentos sistematizados produzidos e reconhecidos historicamente. A escola caracteriza-se como um espaço importante para o convívio com as diferenças, e garante, assim, uma formação integral que envolve competências e habilidades relacionadas às dimensões do desenvolvimento intelectual, social, emocional, físico e cultural.

Nesse contexto, faz-se necessário encarar a pandemia como uma oportu-

nidade para aprender e descobrir como inovar as vivências e práticas pedagógicas. Escutar os estudantes é muito importante neste momento para, assim, compreender suas angústias e inseguranças. Tal ação contribuirá com a elaboração de atividades que proporcionarão o engajamento e a autoconfiança. Dar suporte e escutar os estudantes com deficiências, transtorno do espectro autista e altas habilidades, os tranquilizará para enfrentamento da atual situação.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço da Educação Especial articulado às ações da Educação Básica como apoio complementar e/ou suplementar à sala de aula comum, destinado aos estudantes com deficiências, transtorno do espectro autista e altas habilidades. Nesse sentido, surge no contexto educacional inclusivo a perspectiva de transpor as barreiras que causam dificuldades aos estudantes e a necessidade de implementar condições adequadas de acessibilidade para a melhora na sua comunicação e mobilidade. Essas ações irão contribuir eficazmente para sua independência e autonomia.

O AEE não se limita ao espaço físico da Sala de Recursos Multifuncionais. Por isso, em tempos de pandemia, pode e deve ser oferecido aos estudantes que dele necessitem, possibilitando atividades pedagógicas remotas ricas em oportunidade para que cada um aprenda de acordo com suas possibilidades. Destaca-se, também, o apoio que deve ser dado aos professores da sala de aula comum na escolha das atividades curriculares que serão enviadas. Assim, as barreiras atitudinais, tecnológicas e comunicacionais, que se fazem tão presentes na realidade da maioria dos estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, serão minimizadas ou até mesmo eliminadas.

A seguir traz-se um rol exemplificativo de sugestões de ações e atividades que podem ser realizadas e/ou sugeridas para os estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, por intermédio do AEE articulado à Educação Básica em tempos de pandemia:

A manutenção do vínculo afetivo e social do estudante com deficiência com o profissional da educação especial, professores da educação básica e colegas de sala de aula, é um fator importante a ser considerado durante este período de pandemia. Deve-se, dentro do possível, manter uma rotina regular. Para o estudante com deficiência estar afastado do contexto escolar pode gerar angústia, medo e insegurança, principalmente por não compreender a situação que passamos a vivenciar repentinamente. Assim, estabelecer contato com profissionais e professores, de forma online, pode ser muito importante para manter o vínculo social dos estudantes com deficiência e estabelecer um sentimento de pertencimento à um ambiente que fora frequentado presencialmente.

Neste contexto de distanciamento social, a manutenção do vínculo pode acontecer de diversas maneiras, considerando a realidade de cada Estado, Município e Unidade Escolar. Os profissionais da educação especial e/ou professores da sala de aula comum podem organizar aulas online simultâneas, onde todos os estudantes têm a oportunidade de estarem juntos virtualmente. O envio de vídeos coletivos sobre temas e conteúdo do currículo, ou

individuais para felicitações de aniversários ou comemorações acerca de conquistas do estudante em relação às atividades enviadas, pode ser uma alternativa. Para manter o vínculo com o estudante durante este momento inusitado os profissionais da educação podem e devem utilizar a criatividade e os recursos tecnológicos disponíveis.

Considerando os recursos pedagógicos e tecnológicos utilizados no AEE, os profissionais da Educação Especial, articulados à proposta curricular e atividades enviadas pelo professor da sala de aula comum, poderão confeccionar e enviar para os estudantes e seus responsáveis recursos que possam potencializar a proposta e torná-la funcional para proporcionar uma aprendizagem significativa. Também se verifica a necessidade de se estabelecer uma comunicação online compatível com o nível de deficiência do aluno e de acordo com a realidade social, posto que muitas famílias não têm acesso adequado a computadores e a internet.

Envolver os estudantes na confecção os recursos lúdico-pedagógicos e na criação de conteúdo é uma forma de dividir as responsabilidades, transformando-os em protagonistas deste processo de (re)construção de novos conhecimentos. Ressalta-se ser esta uma forma criativa, divertida, colaborativa e interativa para aprender. Os profissionais da Educação Especial podem disponibilizar, para tanto, guias e passo a passo para confecção dos recursos, com figuras acessíveis que facilitem a compreensão de todos.

Os boletins informativos acerca do distanciamento social e medidas gerais de higiene para prevenção contra a COVID-19 podem ser uma alternativa para aproximar os estudantes do contexto escolar, desde que confeccionados com uma linguagem acessível, contendo ilustrações e textos claros. Os boletins informativos, advindo das escolas, além de esclarecer sobre a doença e apresentar medidas preventivas servirá como uma fonte segura de informações, principalmente para as famílias vulneráveis. Estes boletins informativos devem conter informações específicas para cada deficiência, uma vez que a forma de contaminação pode ser mais evidente, como aponta Ferreira e Ferreira (2020).

Os alunos com deficiência devem ser acompanhados de forma mais adequada neste período de isolamento, devendo a escola estabelecer um canal de direto com a família e fornecer momentos de —tutoria individual conforme a necessidade.

Destaca-se ainda a necessidade de se buscar uma intervenção que atenda a situação específica da criança, uma vez que crianças muito pequenas —podem não perceber os fatos e entender toda a situação que estamos vivenciando, porém, —podem se sentir incomodadas com as mudanças na rotina e avaliar a alteração comportamental daqueles que estão a sua volta. O uso de máscaras, por si só, já é algo diferente na rotina do aluno, de forma que é importante dar voz aos estudantes com deficiência, para que manifestem suas percepções sobre a situação e que processe estas preocupações de forma natural.

Há uma sobrecarga de atribuições para as famílias que desenvolvem múltiplas tarefas que não se limitam ao ambiente doméstico, mas também profissional. Nesse sentido, há necessidade de um apoio mais efetivo e suporte adequado

para estas famílias, visando a diminuição do nível de estresse, que podem interferir no desenvolvimento da criança ou do adolescente com deficiência.

O RETORNO ÀS AULAS E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA

A Educação Inclusiva não se limita a inserção de pessoas com deficiência na escola. É uma Educação para todo e qualquer aluno. Afinal, todos são diferentes. O mundo é heterogêneo, logo, a inclusão implica o reconhecimento das diferenças de cada indivíduo e a construção de uma sociedade e escola para todos, independentemente de suas características.

A manutenção do vínculo durante o distanciamento social é, diante das demais sugestões de ações mencionadas, um fator fundamental para que o retorno às aulas dos estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades seja bemsucedido. Destaca-se que o sentimento de participação e pertencimento são princípios da inclusão escolar.

No retorno às aulas para os estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, o ideal seria trabalhar, primeiramente, o acolhimento e o retorno à rotina escolar daqueles que não se enquadram no grupo de risco. Ou seja, portadores de doenças crônicas (doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes, câncer, doenças respiratórias crônicas e cerebrovasculares) devem permanecer em casa. A escola, dessa maneira, proporcionará o ensino remoto para continuação dos estudos no tocante a este grupo mais vulnerável.

Ouvir os estudantes e acolhê-los, neste momento inicial no ambiente escolar, será fundamental para traçar um planejamento pedagógico e um plano de ensino individualizado que garanta o atendimento de suas necessidades formativas, bem como o nivelamento e equidade de oportunidades de condições de acesso e permanência com qualidade em um sistema de ensino.

Falta de adaptação de atividades online

O aluno com deficiência, portanto, não pode ser tratado de modo diferenciado, sendo dispensado de algumas atividades e convocado a fazer outras mais simples, enquanto os colegas fazem as tarefas —de verdade. Ele tampouco deve ser deixado somente a cargo do auxiliar da classe nem com outros profissionais especializados no atendimento a deficiências. Promover essa separação não é saudável à criança e pode prejudicá-la na volta às aulas em aspectos como:

- Falta de entrosamento com os colegas e destes com a criança com deficiência
- Desconhecimento do conteúdo trabalhado durante a quarentena
- Perda do vínculo com a escola e desinteresse em ir para as aulas

Aulas remotas inclusivas

Toda barreira que um aluno com deficiência encontra na sala de aula, também encontra no ensino a distância. E muitas vezes essa dificuldade é agravada pela falta de preparação dos familiares dessas crianças e jovens Site externo. Que, além de ter

que ensinar a matéria dada, deve lidar com a especificidade de cada estudante.

Cada criança tem suas características e suas diferenças. Não existe um parâmetro para ser usado com todas as crianças. Os casos devem ser observados com um olhar singular, não como um todo.

Além de auxílio de mediadores, muitos alunos fazem tratamento contínuo com terapeutas, psicopedagogos e fonoaudiólogos, em paralelo para que consigam acompanhar o ensino em salas de aula.

A educação pós-pandemia: lições a serem aprendidas

Um fenômeno observado durante a pandemia da Covid 19 em 2020 foi a realização de várias transmissões de palestras ao vivo com especialistas de diversas áreas. No campo educacional, várias —lives de professores de diferentes instituições discutiram amplamente a situação atípica da suspensão das aulas presenciais e dos desafios encontrados pelos professores em se adaptarem a situação de —ensino remoto. Um ponto em comum observado nestas discussões, é que o que os professores estão fazendo não é educação online ou à distância. Numa web conferência, a professora Lucia Giraffa (2020) afirmou que o modelo de aulas virtuais efetuado pelos professores durante a pandemia pode ser chamado —educação síncrona remota emergencial. Neste sentido, a autora afirma que os professores estão se reinventando, adaptando recursos de educação online. Ao mesmo tempo, essa situação gera descobertas e abertura de oportunidades antes não previstas.

A discussão sobre a integração das tecnologias na educação não é recente e muitos especialistas já anteviam a importância de mudanças estruturais no modelo educativo vigente (NÓVOA, 2014; CASTEELS, 2014; LÉVY, 2015). Embora diversos setores da sociedade já tenham começado uma transformação digital, na escola isso aconteceu tardiamente. A situação de suspensão das aulas e do ensino remoto feito no improviso pelos professores revelou diversos gargalos que se acentuaram numa situação atípica de emergência. Dentre algumas citamos:

- O sistema educacional brasileiro não estava preparado para dar apoio às escolas e universidades no que diz respeito aorientaçõesespecíficas para o ensino online;

- Falta de plataformas virtuais de aprendizagem nas instituições e despreparo para um plano de contingência;

- Professores sem equipamentos adequados e internet de boa qualidade para realizar aulas a partir de suas casas; - Professores sem formação e experiência em integração de tecnologias nas práticas didáticas, o que ocasiona uma transposição da aula presencial em aula virtual e desconhecimento dos princípios básicos da educação online;

- Alunos sem acesso a computadores e internet de qualidade ocasionando desigualdade de acesso;

- Alunos com dificuldade de adaptação ao estudo em casa com uso de tecnologias: falta de espaço físico, níveis baixos de literacia digital, sentimento de solidão (falta dos colegas), problemas financeiros dos pais, e outros fatores; - Metodologias de aulas em web conferência com exposição de conteúdos e atividades

avaliativas em excesso; - Pais sobrecarregados em casa ao acompanhar as atividades online dos alunos com deficiência.

Observamos, portanto, um conjunto de situações acontecendo num contexto de isolamento social e incertezas sobre o futuro, que torna o cenário educativo caótico. O lado positivo foi o retorno do debate da integração das tecnologias na educação como pauta importante na agenda política. Professores que já trabalhavam com tecnologias nas suas práticas pedagógicas estão participando dos debates online e compartilhando suas experiências com os seus pares. As universidades estão abrindo a discussão para o redesenho curricular e a abertura de propostas pedagógicas com uso de metodologias ativas e ensino híbrido.

Em alguns dias, ou meses, teremos o retorno das atividades presenciais em sala de aula. Não sabemos como está a saúde psicológica e motivacional desses estudantes, independentemente de suas especificidades.

A escola deverá observar os pontos que ficaram discrepantes na aprendizagem de cada aluno com deficiência, para assim promover a regularização e colocar de forma linear o conteúdo para todos. Sem que haja um desnivelamento de ensino.

Além desses aspectos supracitados, a escola poderia promover alguns eventos, sejam trabalhos, aulas extras ou rodas de ensino, para estimular a educação inclusiva. Podendo, para isso, contar com o auxílio dos próprios colegas de classe que quiserem ajudar, promovendo ainda mais a inclusão e a socialização de todos os envolvidos no processo.

Deveriam disponibilizar também um canal de auxílio aos familiares que se encontram com alguma dificuldade em promover o trabalho com a criança. Atividades específicas — como jogos que despertam novamente o interesse das crianças com deficiência — poderiam ser planejadas, seja com o auxílio dos próprios professores, da coordenação, ou de profissionais de apoio.

Como ajudar alunos com dificuldades de aprendizagem

O coordenador pedagógico é o principal responsável por oferecer apoio e incentivar o professor, propondo reflexões e estratégias. Mas, para garantir que os alunos aprendam, é preciso que a escola tenha um plano bem fundamentado de expectativas de aprendizagem, com atividades pensadas para cada faixa etária. Assim, é possível identificar se os alunos estão evoluindo no dia a dia.

Por meio do acompanhamento periódico, da produção de registros e de uma avaliação diagnóstica, o coordenador e o docente podem verificar quais crianças apresentam algum tipo de dificuldade e, juntos, planejar intervenções para superá-las.

—O coordenador tem uma visão privilegiada da escola e pode pensar em estratégias para ajudar o grupo como um todo, além de oferecer as condições necessárias para o trabalho em sala de aula, explica Simone Azevedo, coordenadora pedagógica da comunidade educativa Cedac.

Seguem os desafios na educação

Embora ainda incerta a data da volta às aulas presenciais em muitos estados e municípios, as escolas já estão se preparando para receber seus alunos, não da mesma maneira como retornavam das férias, mas com uma experiência vivida que pode ter deixado diversos impactos negativos, não apenas na aprendizagem, mas no desenvolvimento socioemocional causado pelo isolamento social e distanciamento escolar.

O primeiro ponto a ser pensado é que neste momento os sentimentos deverão ser acolhidos, e a maneira como isso será feito será primordial para tudo o que virá depois. Diversos são os motivos para o acolhimento, nossas crianças passaram por experiências de luto próximas a elas, de familiares, amigos e pessoas conhecidas, e as perdas vividas precisam ser tratadas de maneira especial.

Além disso, as mudanças de rotina que ocorreram, em suas vidas e na vida dos pais, irão novamente se transformar. Se foi difícil de repente estarem todos em casa, mudar a rotina novamente, e se ausentar da segurança que o lar representa, pode também gerar alguns impactos. Principalmente aos menores, todo um período de readaptação à escola e de afastamento dos pais terá que ser feito novamente.

Há ainda o medo da doença, da contaminação. O medo dos adultos influenciam diretamente as crianças, portanto teremos que lidar com níveis diferentes de ansiedade, pois as crianças trarão de casa toda uma bagagem do que vivenciaram e vivenciam desde o início da pandemia.

A melhor forma de acolher os pequenos é ajudá-los a lidar com os próprios sentimentos, através de momentos de conversa, de escuta individual e coletiva. Não minimize o sentimento da criança. Zelar pela segurança e pela saúde dentro da escola trará para eles também mais confiança e segurança.

É ainda importante desenvolver a empatia dos alunos, ser tolerante em relação aos conteúdos a ser cumprido, rever as expectativas e objetivos para o semestre letivo. Avaliar o aluno, observar os que necessitam de maior apoio pedagógico, verificar conteúdos e disciplinas a ser priorizado, pensar atividades e estratégias para repor aquilo que não foi alcançado é também papel do professor.

A pandemia acentuou a diferença entre aqueles que tinham mais dificuldades de aprender; exigiu um novo educador, que precisou se reinventar, teve que se adaptarem às novas tecnologias, novas metodologias, transformando-se. Agora é preciso estabelecer metas de aprendizagem diferentes para crianças com níveis de aprendizado diferentes, como os alunos com alguma deficiência.

A educação não será a mesma, pois a pandemia acarretou mudanças significativas que não retrocederão. O conteúdo presencial será compartilhado com o ensino remoto. E é nesse contexto que o estudante com deficiência e suas especificidades deve ser considerado. Não se pretende uma escola diferente para alguns, mas uma escola igual para todos, respeitando e valorizando as diferenças humanas que caracterizam cada um.

Levando em consideração os tópicos abordados neste artigo, um sistema educacional inclusivo é aquele que pensa suas

ações a partir de princípios como a equidade, garante o ensino para todos, proporciona apoio e suporte necessário, assume e incorpora os conceitos de respeito às diferenças, participação e pertencimento de todos os seus estudantes.

CONCLUSÃO

Não há como negar que a pandemia proporcionou um novo olhar sobre a escola em razão do seu fechamento, como, por exemplo, a sua real necessidade, não somente no aspecto pedagógico, como também assistencial, em face de sua capilaridade. Como já se afirmou: —A escola fechou e o mundo fecha. Os direitos humanos fecham para muitas pessoas. É neste momento que as desigualdades se potencializam, sendo a escola o principal fator de equidade.

O direito à vida deve ser prioritário neste momento. O retorno às aulas não significa voltar como era antes, serão necessárias medidas seguras e protetivas em relação à COVID19. No entanto, é preciso lutar contra as desigualdades, não se pode privar o direito à educação por conta do medo. Neste cenário, faz-se necessário criar protocolos e mecanismos que proporcionem a plena participação e desenvolvimento de todos os estudantes no contexto escolar de maneira segura e eficaz.

Durante a pandemia a maioria dos sistemas educacionais se organizaram de forma a garantir que a aprendizagem dos estudantes se desse de forma remota, e, para isso, contaram com o apoio familiar. A relação escola-família se fortaleceu em razão da pandemia, com uma valorização recíproca para as instituições. Isto traz um resultado positivo para inclusão, uma vez que esta aproximação é benéfica para o estudante com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades.

A educação não será a mesma, pois a pandemia acarretou mudanças significativas que não retrocederão. O conteúdo presencial será compartilhado com o ensino remoto. E é nesse contexto que o estudante com deficiência e suas especificidades deve ser considerado. Não se pretende uma escola diferente para alguns, mas uma escola igual para todos, respeitando e valorizando as diferenças humanas que caracterizam cada um.

Levando em consideração os tópicos abordados neste artigo, um sistema educacional inclusivo é aquele que pensa suas ações a partir de princípios como a equidade, garante o ensino para todos, proporciona apoio e suporte necessário, assume e incorpora os conceitos de respeito às diferenças, participação e pertencimento de todos os seus estudantes.

REFERÊNCIAS

https://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/134.pdf https://www.somospar.com.br/dificuldade-de-aprendizagem/ https://brasilescola.uol.com.br/educacao/dificuldades-aprendizagem.htm https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2088/como-ajudar-alunos-com-dificuldades-de- aprendizagem

https://institutoneurosaber.com.br/como-a-pedagogia-pode-ajudar-alunos-com-dificuldade-de- aprendizagem/